

Experiências

e práticas de ensino em Geografia
na educação não formal



Adilson
Marques

Copyright © 2025 do autor

Direitos reservados desta edição:
RiMa Editorial

Capa: Imagem de João Akicekria

COMISSÃO EDITORIAL

Dirlene Ribeiro Martins

Paulo de Tarso Martins

Carlos Eduardo M. Bicudo (Instituto de Botânica - SP)

Evaldo L. G. Espíndola (USP - SP)

João Batista Martins (UEL - PR)

Norma Valencio (UFSCar - SP)

Pedro Roberto Jacobi (USP - SP)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M278e Marques, Adilson Sanches
Experiências e práticas de ensino em
Geografia na educação não formal / Adilson
Sanches Marques. – São Carlos, SP : RiMa
Editorial, 2025.
44 p.

ISBN: 978-65-84811-97-3

1. Geografia. 2. Educação não formal.
3. Memória. 4. Topofilia. I. Título.

CDD 372

Elaborado por Natalia Gallo Cerrao – CRB 8/10169

Índice para catálogo sistemático:

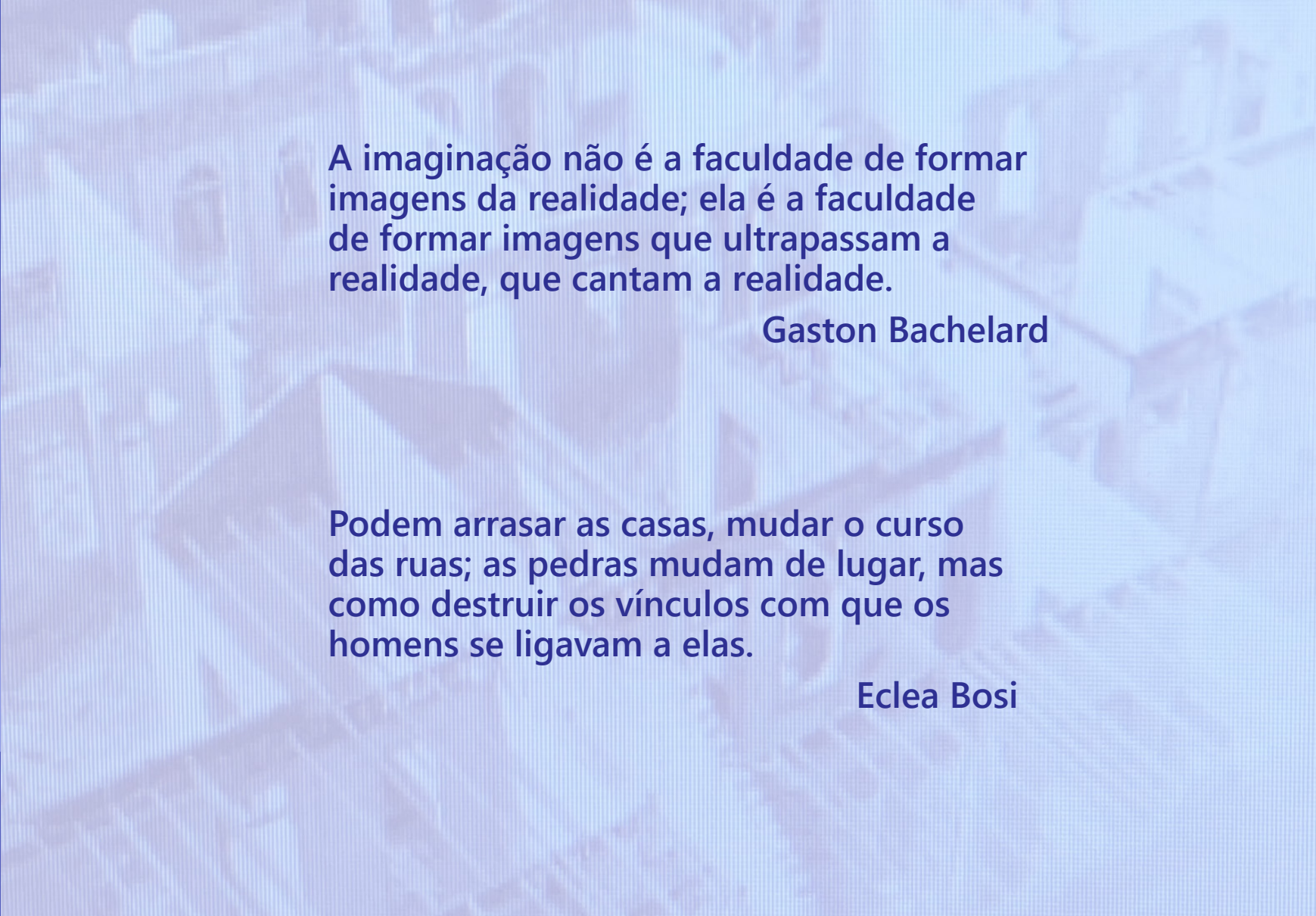
1. Ensino de Geografia 372

RiMa

Rua Virgílio Pozzi, 81 – Jardim Santa Paula

CEP 13564-040 – São Carlos-SP

Fone: (16) 991748888



A imaginação não é a faculdade de formar imagens da realidade; ela é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade.

Gaston Bachelard

Podem arrasar as casas, mudar o curso das ruas; as pedras mudam de lugar, mas como destruir os vínculos com que os homens se ligavam a elas.

Eclea Bosi

Breve apresentação

Entre os anos de 1987 e 1992, concluí o bacharelado e a licenciatura em Geografia, na USP. Confesso que não fui um aluno muito aplicado aos estudos, dedicando-me muito mais ao Centro Acadêmico (CEGE) e à associação de moradores do CRUSP, onde morei durante muito tempo.

Ao terminar a graduação, ingressei diretamente no mestrado. Resolvi cursá-lo na Faculdade de Educação, sob orientação da professora Roseli Fischmann. Escolhi como tema a relação entre memória e topofilia. A dissertação foi uma reflexão teórica a partir de diferentes autores – entre eles, Bachelard, Halbwachs e Bergson –, defendida em 1996. Também confesso que fui um tanto cruel com este último, por não ter, na época, uma bagagem espiritualista que me ajudasse a compreender melhor sua teoria.

Assim que concluí o mestrado, fui aprovado em um concurso para animador cultural no SESC. Trabalhei em três unidades: Interlagos, São José do Rio Preto e São Carlos. Nessa importante organização de cultura e lazer, consegui colocar algumas das minhas ideias em prática, sobretudo no interior do estado de São Paulo, onde atuei com crianças e idosos em diferentes trabalhos de educação não escolar.

Em 1999, senti uma necessidade (olha o mito de Ananke¹ aí) de teorizar sobre o trabalho realizado e iniciei o doutorado, também na Faculdade de Educação da USP. Realizei uma espécie de tratado mitocrítico da experiência vivida em São José do Rio Preto e criei um projeto de escrita criativa que denominei Mito-Estória de Vida, o qual será apresentado ao longo deste livro.

E por falar em mito, parece que Cronos se retirou de minha vida em 2003 para dar lugar a Kairós. Eu havia acabado de defender meu doutorado quando fui aprovado em um concurso para trabalhar com gerontagogia na Fundação

1. *Ananke*, conhecida como a Necessidade. Na mitologia grega, nem Prometeu era capaz de enfrentá-la e vencê-la. James Hillman dedica um estudo a ela no livro *Encarando os Deuses*.

Educacional São Carlos, atuando em uma área temática denominada Cultura e Memória – de certa forma, os temas que pesquisei no mestrado e no doutorado.

De 2003 a 2024, eu não vi o tempo passar. Foram muitos projetos, muitas tentativas e erros, muitas experiências exitosas e outras fracassadas... mas todas, de alguma forma, contribuíram para que eu me tornasse quem sou hoje. Este livrinho traz um pouco desse panorama.

Como escrevi, parece que **Kairós** se apoderou de mim no começo do século XXI. Não percebi o tempo passando. Elaborei e realizei vários projetos, escrevi mais de 60 livros, tive um filho maravilhoso, conheci pessoas maravilhosas – outras nem tanto –, além de boa parte do país e da Europa. Quando me dei conta, estava quase com 60 anos. Um tema então se tornou recorrente: a aposentadoria.

O bom é que, junto com esse “mitema”, veio também a vontade de não ter mais tantos compromissos ou tarefas hercúleas. Uma hérnia na virilha que, mesmo depois de operada, insiste em me lembrar de sua existência também vem me ajudando nesse sentido.

Não sei ainda se vou conseguir me aposentar nesta encarnação. Esse sonho parece cada vez mais distante. Ao mesmo tempo, não me vejo vivendo neste plano tridimensional por muitos anos.

Enfim, como ainda estou aqui – e aproveitando que precisei sistematizar as experiências que exponho neste livro para uma pequena apresentação que fiz em 2025 na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) –, resolvi transformar as anotações que havia feito em um pequeno livro. Quase um livro de receitas, com um quase passo a passo das atividades que foram por mim realizadas.

Não sei se o registro dessas experiências, e a possibilidade de socializá-las com um número maior de pessoas através de um livro, terá alguma utilidade no ensino de Geografia. Não foram experiências realizadas no ensino escolar, mas praticamente fora dele.

O trabalho foi realizado em ONGs, no SESC e com idosos, em atividades educativas não formais, na Fundação Educacional São Carlos. Foram vivências que me tornaram mais conhecedor daquilo que denominei (re)envolvimento humano. O contato, sobretudo com as pessoas idosas, foi de grande aprendizado.

Quando comecei a atuar na FESC, eu tinha 37 anos e era muito mais jovem que meus alunos. Hoje, na iminência de entrar para a terceira idade, tenho alunos mais novos do que eu – uma vez que a FESC aceita pessoas acima de 40 anos de idade, já as preparando para fazer parte da população 60+.

Neste livro, o leitor poderá saborear algumas dessas experiências. Se as informações serão úteis para quem se dedica ao ensino de Geografia, só o tempo – neste caso, Cronos – dirá!

Neste livro, vamos abordar alguns assuntos como:

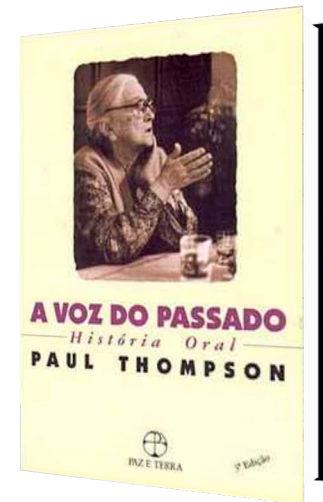
- ◆ Educação intergeracional;
- ◆ valorização do espaço vivido;
- ◆ formação dos territórios de vida cotidiana; A memória e a topofilia;
- ◆ sustentabilidade, o (re)envolvimento humano e a *Mitoestória de Vida*.

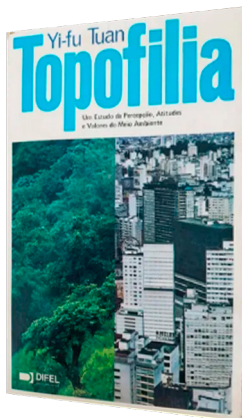
Vamos iniciar essa jornada?

Como tudo começou...

Lá atrás, na década de 1980, comecei a me interessar pela educação. O ensino de História e Geografia me chamava a atenção, e eu acreditava que as metodologias e práticas de ensino poderiam ser muito variadas, valorizando a imaginação, o lúdico, o simbólico, entre outros processos, proporcionando um trabalho educativo que, ao mesmo tempo, fosse crítico, mas também criativo; que fosse efetivo, mas também afetivo.

Nessa transição entre o racional e o sensível, não foi difícil me encantar com a História Oral, pensada enquanto método e também como recurso pedagógico.





A História Oral, ao lado de outras estratégias, foi, para mim, um caminho para ajudar a criar laços afetuais com o local vivenciado cotidianamente. As entrevistas – sobretudo com antigos moradores de algum bairro, fazenda ou outro local – foram uma constante na tentativa de compreender esse sentimento denominado *topofilia* por Gaston Bachelard em seu livro *A poética do espaço*, posteriormente discutido por um geógrafo chinês chamado Yi-Fu Tuan.

Essa integração entre a História Oral e a valorização da Topofilia, o sentimento de pertencer a um local, criando um laço afetivo, fez com que a memória passasse a ser um mitema importante em meu trabalho educativo, presente em praticamente todos os meus livros.

Sonhos e expectativas

Ao longo de 28 anos, procurei pensar em práticas educativas não formais e não escolares que ajudassem o aluno – de crianças a idosos – a ter maior compreensão e interesse pelo meio ambiente e pela sustentabilidade, apropriando-se de conceitos básicos como espaço, lugar, território e paisagem, e compreendendo a temporalidade e a espacialidade da vida cotidiana. Muitas vezes, esses conceitos são apresentados de forma acrítica, como se fossem autoevidentes.

Passei a chamar esse processo de (re)envolvimento humano, uma forma de se reconectar com a natureza, com a comunidade, com o próprio corpo e com a alma.

As ações educativas poderiam fortalecer os laços comunitários, valorizando a intersubjetividade e o respeito pelo Outro, sem exclusão de ninguém,

sobretudo da população idosa, vítima do chamado etarismo e para quem as cidades, com suas calçadas irregulares, ruas movimentadas e poucos semáforos que garantam uma travessia segura, não oferecem condições adequadas. Como são poucas as cidades onde os motoristas respeitam as faixas de pedestres, essas travessias se tornam verdadeiras ameaças à integridade física de idosos, cadeirantes, cegos, entre outros.



Alunos idosos compartilham suas experiências de vida com crianças e jovens, registrando-as também em livros.

Vamos aos projetos!

Parte I

Ações educativas com crianças e idosos

Projeto 1 – Maquete Lúdica de São José do Rio Preto (1997)

Este projeto foi realizado com crianças frequentadoras do Projeto Curumim, com idades entre 7 e 12 anos, no SESC Rio Preto. O objetivo foi identificar possíveis locais na cidade que elas indicariam para levar um amigo ou parente de outro município para visitar.

Vários locais foram sugeridos pelas crianças, e uma lista foi elaborada. Em seguida, cada participante votou em até cinco locais diferentes.

Os dez locais mais votados foram selecionados para serem representados em uma maquete lúdica, construída fora de escala, juntamente com as principais ruas e avenidas da cidade.

A maquete ficou exposta por um determinado período para os frequentadores do SESC e media 3 x 3 metros, destacando-se no interior da unidade.



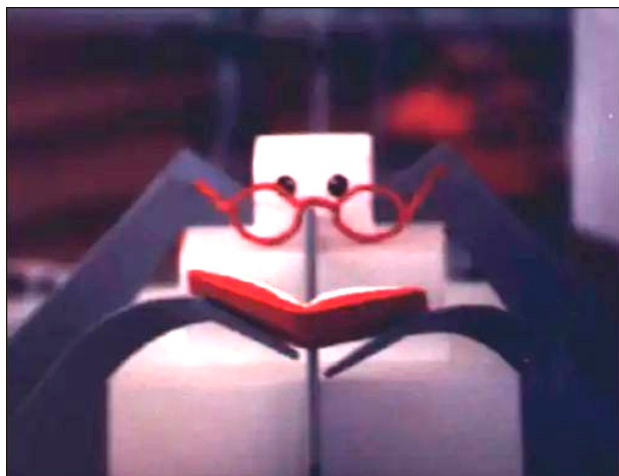
Antigo prédio da Swift, transformado em um espaço cultural.



Sesc Rio Preto onde o projeto foi realizado.

Um arquiteto, especialista em maquetes, foi contratado pelo SESC para auxiliar as crianças na montagem, dando forma aos desenhos feito por elas.

Nas imagens apresentadas destaca-se o Centro Cultural Daud Jorge Simão – Biblioteca Municipal, criado em 1941. Por lembrar uma aranha, as crianças idealizaram a biblioteca como sendo uma aranha usando óculos e segurando um livro, como aparece na imagem abaixo, ao lado de uma foto do prédio.



Projeto 2 – Mapa lúdico da Vila Prado, bairro de São Carlos (2023)



O Projeto foi realizado com alunos da FESC Vila Prado, em comemoração aos 130 anos do bairro onde a escola está localizada.

Os idosos selecionaram mais de vinte locais no bairro e organizaram uma eleição online, por meio de um formulário disponibilizado na internet.

Os sete locais mais votados passaram a formar as Sete Maravilhas da Vila Prado e foram representadas em um mapa lúdico criado pelo ilustrador João Akicekria.

O mapa foi impresso pela Prefeitura Municipal e distribuído em diversos eventos, inclusive no Departamento de Turismo do município.



Alguns dos alunos da UATI/FESC que participam do projeto.

Projeto 3 – Vídeo Vila Operária Rui Barbosa (2011)

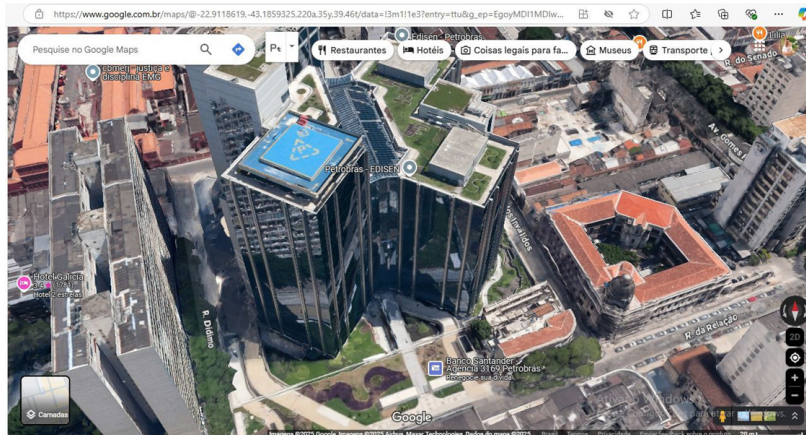


Todos eles
nasceram ou moraram
na Vila Rui Barbosa,
localizada no quadrilátero
formado pelas
Rua dos inválidos,
Avenida Henrique Valadares,
Rua Ubaldino do Amaral e
Rua do Senado,
no centro da cidade
do Rio de Janeiro/RJ.

Título: Vila Rui Barbosa

Canal: idosociedadeo

<https://www.youtube.com/watch?v=DssodmxuwhE>



Na imagem ao lado, retirada do Google Maps, podemos ver o local onde estava localizada a Vila Operária.

Os prédios da Petrobras hoje ocupam a área, mas, na esquina da Rua dos Inválidos com a Rua da Relação, é possível ver a casa que foi preservada da antiga Vila Operária.

De passagem pela cidade do Rio de Janeiro para participar de um evento espiritualista, deparei-me com um lugar insólito: vários prédios modernos ao lado de uma edificação que parecia ser do início do século XX. Por acaso – se é que ele existe – conheci uma antiga moradora da Vila Operária Rui Barbosa, que ficava naquele local e deu lugar a um complexo de prédios da Petrobras.

Por intermédio dela, tive acesso a fotografias de antigos moradores e a um cronograma da destruição da vila e da construção dos novos prédios. Com esse material, coletado durante uma única viagem, consegui editar um pequeno vídeo sobre a Vila Operária, disponível no YouTube.

Projeto 4 – Vamos planejar o parque da Serrinha do Aracy (2019)?



O projeto foi realizado com alunos da FESC Vila Prado, em 2019. Após aulas sobre diferentes parques no Brasil e no exterior, os alunos apresentaram sugestões de instalações para o parque da Serrinha do Aracy, criado por decreto, em 2017, pela Prefeitura Municipal, mas que ainda não saiu do papel.

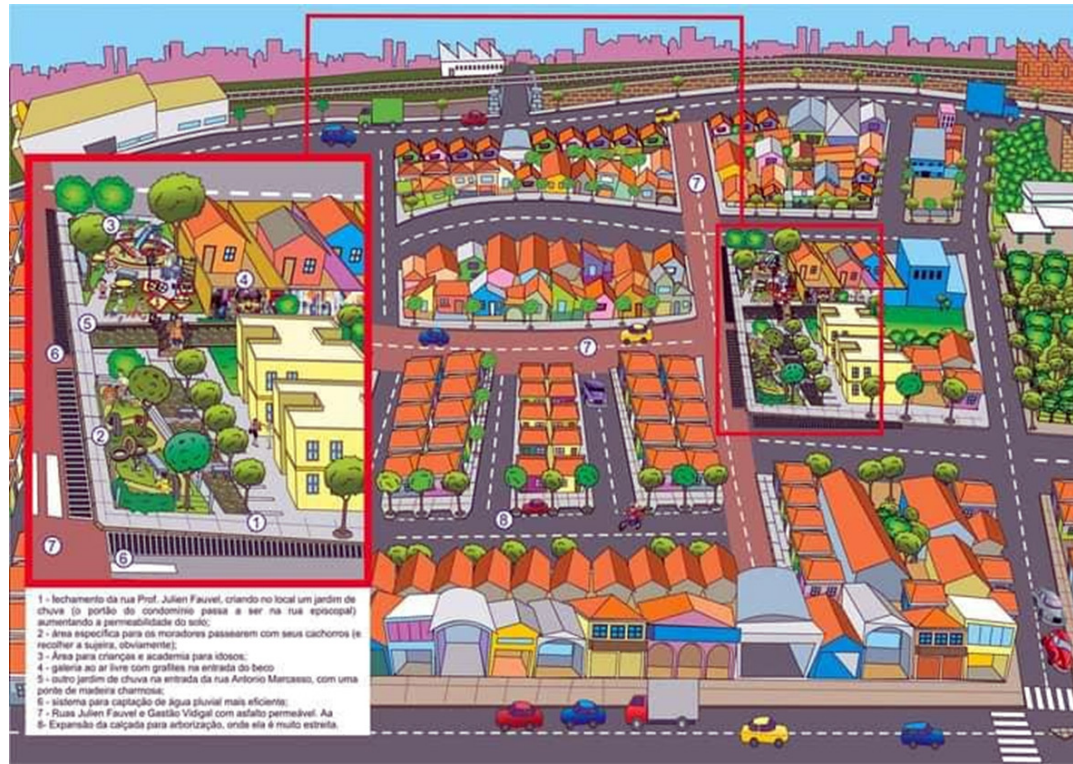
Cerca de 500 pessoas participaram da votação, e 21 sugestões foram representadas no mapa lúdico, criado também pelo ilustrador João Akicekria.

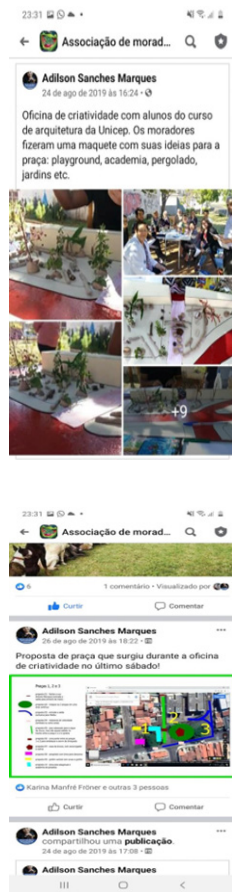
O mapa foi impresso pela RiMa Editora, em parceria com uma ONG da região, e distribuído em diferentes eventos culturais e educativos na cidade de São Carlos.



Serrinha do Aracy, que divide o município em duas regiões distintas.

Projeto 5 – Vamos planejar uma nova praça para o bairro (2019)?





Para comemorar os 50 anos do bairro Silvio Villari, conhecido popularmente como Lagoa Serena, em São Carlos, vários eventos foram organizados em 2019. Entre eles, destacou-se uma oficina para se pensar uma nova praça para o bairro.

A oficina foi conduzida por alunos do curso de Arquitetura, da UNICEP e, entre as ideias apresentadas, surgiu a proposta de unir as três pequenas praças existentes no bairro, formando uma só, com o fechamento de uma das ruas que cria uma espécie de ilha no local. A proposta aumentaria a área permeável do bairro, permitindo incluir mais brinquedos e instalações na nova praça.

Posteriormente, o ilustrador João Marcos Akicekria representou, em um mapa lúdico (página anterior), as propostas sugeridas pela comunidade.

Ao lado, encontram-se postagens feitas no Facebook, em 2019, ano em que a atividade foi realizada no bairro Lagoa Serena, intermediada pelo coletivo de moradores que estava organizando o evento comemorativo do aniversário do bairro.

Essa integração comunitária é fundamental para a construção de um (re)envolvimento humano nas cidades brasileiras.

Parte II

Cidades sustentáveis e o ensino de Geografia

Cidades sustentáveis e o ensino de Geografia

O sentimento de pertencer a uma comunidade, de ter vínculos com o espaço vivido, é de fundamental importância para começar a pensar cidades mais sustentáveis. Alguns dos temas que costumo trabalhar em meus projetos, seja com crianças, jovens, adultos ou idosos, incluem:

- ◆ A importância da arborização e de áreas verdes para melhorar o clima local, diminuindo as ilhas de calor;
- ◆ A mobilidade urbana, revertendo o modelo de cidades planejadas para o transporte individual, valorizando a caminhabilidade, o uso de bicicletas e o transporte coletivo de qualidade, ampliando, inclusive, as áreas verdes e as praças;
- ◆ Fontes de energia, questão hídrica, saneamento e reciclagem de resíduos sólidos;
- ◆ A importância das unidades de conservação (APP, APA, APRM, etc.);

- ◆ As instâncias turísticas: lazer, economia criativa, economia solidária e sustentabilidade;
- ◆ Floresta urbana, corredores ecológicos, hortas comunitárias e agroecologia, promovendo uma nova relação com o alimento e com a natureza, dentro e fora da cidade.

Todos esses temas favorecem o (re)envolvimento humano.



A importância da arborização e de áreas verdes para melhorar o clima local

Por intermédio dos relatos de moradores mais antigos do bairro, é possível promover reflexões sobre as transformações na paisagem urbana: mapear os córregos que foram canalizados, verificar o aumento da circulação de automóveis, observar como as ruas deixaram de ser pontos de encontro e perceber a elevação da temperatura com a formação das chamadas «ilhas de calor».

Após compreender as mudanças – positivas e negativas – na paisagem e os impactos na qualidade de vida, pode-se estimular ações de arborização com projetos que envolvam desde crianças até idosos. Essa é uma forma concreta de refletir sobre nossa responsabilidade na preservação e recuperação de áreas verdes, promovendo um (re)envolvimento com a natureza, a partir do entendimento de que somos parte da Natureza e não seus inimigos.



Programa de arborização no bairro Lagoa Serena, em São Carlos, em 2018.

A mobilidade urbana, revertendo o modelo de cidades planejadas para o transporte individual, valorizando a caminhabilidade, o uso de bicicletas e o transporte coletivo de qualidade, ampliando também as áreas verdes e as praças

Proposta de ação educativa:

O Plano Nacional de Mobilidade Urbana, aprovado em 2012, define que a prioridade é do pedestre. O transporte individual, seja realizado com carro ou motos, ocupa o último lugar no índice de prioridade.

Porém, colocar em plano prática exige conhecimento e organização para pleitear uma cidade que seja verdadeiramente humana, em que o espaço urbano não seja pensado, em primeiro lugar, para os automóveis.

Uma cidade com menos carros circulando exige menos espaço para estacionamentos, o que possibilita ampliar as áreas verdes e permeáveis, aumentar o tamanho das calçadas e promover o plantio de árvores.

Discutir o Plano Nacional de Mobilidade Urbana com crianças, jovens, adultos e idosos, e pensar em projetos que possam transformar a realidade de nossas cidades, constitui uma ação educativa de grande impacto.

Em São Carlos, em 2018, foi realizado na FESC o projeto Educação Popular, Imaginário e Mobilidade Urbana, no qual surgiram muitas propostas para se pensar uma cidade mais humana e sustentável.



Fontes de energia, questão hídrica, saneamento e reciclagem de resíduos sólidos

Proposta de ação educativa:

Estimular o conhecimento e a pesquisa sobre fontes alternativas de energia, apresentando o potencial da energia solar, assim como compreender como a água chega até as torneiras de casa e a possibilidade de captar água da chuva para alguns usos. É fundamental também refletir sobre a desigualdade, mostrando como nem todos têm acesso ao saneamento básico ou mesmo à coleta de lixo em seus bairros.



Visitar, com os alunos, locais sustentáveis que produzem a própria energia, captam água da chuva, tratam o esgoto por meio de soluções alternativas, entre outras iniciativas, formando uma nova mentalidade, mais compatível com os princípios da sustentabilidade.

Ações como estas estimulam o (re)envolvimento humano com a natureza, promovendo uma vida mais simples, porém ecologicamente sustentável.

A importância das unidades de conservação (APP, APA, APRM, etc.)

Proposta de ação educativa:

Quase todas as cidades têm unidades de conservação, sobretudo as APPs – Áreas de Proteção Permanente. No entanto, entre as unidades de conservação, destacam-se as Áreas de Proteção Ambiental (APA), que não precisam ser desapropriadas e podem ter um impacto positivo significativo tanto na paisagem quanto na qualidade de vida.

Um exemplo é a APA da Fazenda e Parque do Carmo, na cidade de São Paulo, onde se localizam o famoso Parque do Carmo e também a unidade do SESC Itaquera, um importante espaço de lazer para os trabalhadores do comércio e para a comunidade em geral.

Em São Carlos, nasceu, a partir de encontros na FESC, o Coletivo APA da Integração, que busca a criação de uma APA na Serrinha do Aracy.

As estâncias turísticas: lazer, economia criativa, economia solidária e sustentabilidade

Proposta de ação educativa:

O Brasil possui recursos naturais significativos que poderiam ser utilizados para estimular o turismo sustentável, gerando emprego e renda em diversos municípios. Estimular, na escola, essa oportunidade de conhecer cidades ou projetos que unem economia, lazer, cultura e meio ambiente é uma forma de fomentar uma nova mentalidade, integrando preservação ambiental com crescimento econômico.



Floresta urbana, corredores ecológicos, hortas comunitárias e agroecologia – promovendo uma nova relação com o alimento e com a natureza, dentro e fora da cidade

Proposta de ação educativa:

Realizar atividades que favoreçam o (re)envolvimento com a natureza, promovendo a reconexão com uma forma de vida mais simples, natural e sustentável. Para isso, propõem-se aulas teóricas combinadas com passeios por ecovilas e outros locais de referência, envolvendo desde crianças até outros grupos humanos em diferentes fases da vida.





Atividades educativas realizadas com a população idosa de São Carlos na disciplina
"Identificando as plantas da vovó", na FESC.

Parte III

Outras possibilidades metodológicas e ações educativas no ensino de Geografia

Apresento abaixo alguns temas que costumo trabalhar no ensino de Geografia. Alguns deles já foram ilustrados nas páginas anteriores. Destes, eu pretendo encerrar este livro apresentando com mais detalhes o item *Mito-estória de vida: autoconhecimento e mitologia* (grega, yorubá, indígena etc.):

- ◆ A produção agrícola brasileira: oferta e demanda, questões climáticas e sustentabilidade, formação do preço dos produtos no mercado interno e externo.
- ◆ Funcionamento do sistema tributário brasileiro: o papel do PIX, o combate à sonegação e os tributos.
- ◆ Mito-estória de vida: autoconhecimento e mitologia (grega, yorubá, indígena, etc.)
- ◆ História oral e toponímia: a espacialidade e a temporalidade vivenciada no cotidiano.



Palestra e lançamento do livro *Quando grãos de areia se transformam em fios de ouro*, no SESC Piracicaba

- ◆ Avaliação crítica e compreensiva de livros didáticos e paradidáticos.
- ◆ Compreensão do significado de conceitos como espaço, território, paisagem e lugar (muitas vezes tratados como se fossem autoevidentes).
- ◆ Tempo, espaço e arte: o uso da literatura, da música, do cinema etc. no ensino de História e Geografia.
- ◆ A cidade e a criança: a construção dos territórios de vida cotidiana.
- ◆ Compreensão e intercâmbio entre os processos denominados: organização do espaço, produção do espaço, construção do espaço e criação do espaço.
- ◆ Decolonização e a Lei 10.639/2003.
- ◆ História do cotidiano e a questão do público e do privado.
- ◆ Questões de gênero, etarismo e a cidadania ativa e participativa.
- ◆ Diversidade cultural e religiosa.

Mito-estória de Vida

A Mito-estória de Vida nasceu de uma experiência insólita. Em 2003, para defender meu doutorado, eu precisava escrever um memorial. Como utilizava o referencial teórico do antropólogo Gilbert Durand em minha pesquisa, resolvi criar um memorial um tanto diferente.

Apresentei os principais fatos da minha vida – do nascimento até aquela data – de uma forma diferente: cada fato ou momento tinha um mito diretor, um mito que influenciava minhas decisões e atitudes. Assim, tinha a fase apolínea, a fase dionisíaca, a fase hermesiana e assim por diante. Eu estava muito preocupado com a recepção da banca examinadora diante daquela transgressão metodológica. Porém, um dos professores da banca, o professor Teixeira Coelho (falecido em 2022), disse:

«Se eu fosse você, jogava a tese fora e ficava apenas com o memorial». Sua brincadeira e apoio à forma como escrevi aquele texto me encorajaram. E foi daí que nasceu a ideia da Mito-estória de Vida, uma forma de escrita criativa para elaborar biografias ou memoriais.

No meu caso, utilizei a mitologia grega, mas poderia ter me baseado na mitologia yourubá, nos mitos dos povos africanos ou em alguma mitologia dos povos Indígenas, por exemplo.

Em 2012, portanto, nove anos após a criação dessa forma de escrita criativa, resolvi atualizar o texto, dando continuidade à minha mito-estória de vida, e lancei o livro *Quando grãos de areia se transformam em fios de ouro*. Na mesma ocasião, organizei algumas oficinas durante um evento realizado na cidade de São Carlos, chamado I VaLer. O lançamento do livro aconteceu na Livraria Sideral, que, infelizmente, não mais existe.



Considerações finais

Este livro é uma síntese do meu trabalho na educação não escolar. Com ele, fecho um ciclo. Talvez as ideias e sugestões possam inspirar outros profissionais.

Mas não sei se o ensino formal comporta experiências como as descritas. Felizmente, o processo educativo não se limita às paredes das salas de aula e há espaço para experiências como as relatadas no livro

Não estou dizendo que se trata de atividades críticas ou que vão transformar o mundo, mas podem ajudar a despertar nas pessoas a sensibilidade, o cuidado com sua comunidade, com o meio ambiente.

Enfim, são apenas experiências, nem melhores e nem piores do que outras, mas que foram possíveis devido ao ambiente mais acolhedor da educação não escolar.

Bibliografia básica que formou minha personalidade geográfica

BOADA, Luis. *O espaço recriado*. São Paulo: Nobel, 1991.

BOSI, Ecléa. *Lembranças de velhos*. São Paulo: Edusp, 1987.

CARVALHO, Maria Cecília (Org.). *Construindo o saber*. Campinas: Papirus, 1989.

CASTRO, Iná Elias et al. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

MARQUES, Adilson S. *Nossas lembranças mais pessoais podem vir morar aqui: sociagogia do (re)envolvimento humano e anima-ação cultural*. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe. *(Re)introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.

MONTENEGRO, Antonio T. *História oral e memória*. São Paulo: Contexto, 1994.

NACHMANOVITCH, Stephen. *Ser criativo*. São Paulo: Summus, 1993.

PANKOW, Gisela. *O homem e seu espaço vivido*. Campinas: Papirus, 1988.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*. São Paulo: Difel, 1990.

